



# TEORIA DO JOGO DE NORBERT ELIAS E AS INTERDEPENDÊNCIAS SOCIAIS: um exercício de aproximação e envolvimento

Dr. Wanderley Marchi Júnior  
Universidade Federal do Paraná

## Resumo

Analisar o livro *Introdução à Sociologia* de Norbert Elias, buscando na sua teoria do jogo um referencial teórico para o entendimento das relações existentes na sociedade, foi o objetivo principal deste trabalho. Paralelamente, tentamos viabilizar uma aproximação dos conceitos de representação, habitus e campos de Pierre Bourdieu na arquitetura elisiana.

Estudando inicialmente esta teoria, intencionamos realizar uma aproximação e uma possível incursão. A tentativa de aproximação recai nos pressupostos conceituais de Pierre BOURDIEU. Esta empreitada não é inédita nem tão pouco acabada e inúmera serão as descobertas e os avanços teóricos alcançados, cada vez que o contato com as respectivas produções ocorrer de forma sistemática, criteriosa e com profundidade<sup>1</sup>. Bourdieu ao ser indagada sobre uma suposta proximidade conceitual elisiana - no que diz respeito aos matizes comportamentais sociais -, dispara:

Sinto-me mais próximo de Norbert Elias, mas por outras razões. Não tenho em mente o Elias das grandes tendências históricas, do “processo de civilização” etc., mas, antes, aquele que, como em *La société de cour*, capta mecanismos ocultos, invisíveis, baseados na existência de relações objetivas entre os indivíduos ou as instituições. A corte, tal como Elias a descreve, é um belíssimo exemplo do que chamo um campo em que, como num campo gravitacional, os diferentes agentes

---

<sup>1</sup> Exemplos podem ser encontrados nos trabalhos de GEBARA, A. *Norbert Elias e Pierre Bourdieu*: novas abordagens, novos temas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Coletânea* ... Rio de Janeiro: UGF, 1998, p. 75-81; MICELI, S. Sociologia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 abr.1997. Mais, Caderno 5, p. 11; MALERBA, J. Entre la sociología y la historia. Pensar la sociología figurativa en el contexto de la América portuguesa. *Revista Mexicana de Sociología*. Revista do Instituto de Investigaciones Sociales, v. 61, n 2, p. 77-105, abr-jun. 1999;—. *Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana* (no prelo).

são arrastados por forças insuperáveis, inevitáveis, num movimento perpétuo, necessário para manter as hierarquias, as distâncias, os afastamentos.<sup>2</sup>

No decorrer do processo destacam-se distinções entre os autores quando a observação é voltada para as sistematizações empregadas na elaboração de seus estudos. Bourdieu empreendeu uma vigorosa composição conceitual, fruto de constantes inquietações e revisões de sua obra. Elias apresentou uma unidade orgânica teórica, porém, talvez por decorrência da própria história de vida, não se deu ao mesmo trabalho de sistematização pelo qual Bourdieu construiu seu modelo de análise. Contudo, conceitos de representação, habitus e campo aparecem em determinadas publicações com contornos peculiares e extremamente viáveis para o tipo de análise pretendida.

Jurandir Malerba discute exaustivamente as definições e o cenário teórico dos autores, acenando para as interpretações destes conceitos em suas respectivas obras, situando-os e relacionando-os da seguinte forma:

[...] o habitus tem a ver com fluido, o vago. Essa espontaneidade geradora, que se afirma na confrontação improvisada das situações que não cessam de renovar, que definem “le rapport ordinaire au monde”, guarda uma afinidade conceitual íntima com o conceito de habitus e de configuração social (sua matriz geradora) em Norbert Elias. Assim como as representações não são “projeções”, reflexos de uma realidade material, o conceito de habitus em Bourdieu evidencia suas capacidades “criadoras”, formadoras, mas não no sentido de uma razão universal ou espírito absoluto. Ao contrário, o habitus talvez melhor se defina como os limites de ação, das soluções ao alcance do indivíduo em uma determinada situação concreta. É, portanto, um produto da história que produz práticas individuais e coletivas e que estabelece os limites dentro dos quais os indivíduos são “livres” para optar entre diferentes estratégias de ação. [...] É no habitus que assenta outro princípio fundamental da hierarquia social. Enquanto princípio gerador e unificador que configura as características intrínsecas de uma posição social em um estilo de vida homogêneo, é ele que instaura a distinção social. O conceito de habitus em Elias não se apresenta explicitamente definido como em Bourdieu, mas constrói-se a partir de sua teoria do processo civilizador. A civilização é um

---

<sup>2</sup> BOURDIEU, P. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000, p. 48.

devir no qual um conjunto de interações forma um sistema não-planejado e se estrutura progressivamente: as relações entre unidades ou grupos sociais são em realidade as relações de força que ligam, opõem e, dessa forma, inscrevem os indivíduos em estruturas hierarquizadas, que presumem “campos de forças”, “tensão”, “equilíbrio”, “competição”. Neste sentido, a “configuração” de Elias é muito próxima do conceito de campo de Bourdieu, o qual traduz a idéia de um espaço estruturado de posições onde se desenvolvem as relações de luta.[...], seu conceito de campo é mais flexível que o de Bourdieu: trata-se de uma rede de relações estruturadas em espaço de posições, mas aberta e constantemente trabalhada pelas contingências históricas, que fazem agora funções de variáveis exógenas e que, por certo, transforma a hierarquia das posições.<sup>3</sup>

Para Sergio Miceli, os autores estão preocupados em conhecer os impactos exercidos pelos sistemas simbólicos na modelagem do mundo social. Para tanto, o conceito bourdiano de habitus e a interdependência elisiana “fariam as vezes de mediações entre os determinismos sistêmicos e os comportamentos individuais”<sup>4</sup> oportunizando uma familiarização - independentemente da posição estabelecida na hierarquia social - com os símbolos e representações constituintes da sociedade.

Roger Chartier também analisou com profundidade a formação conceitual elisiana<sup>5</sup>, mas encontramos no estudo comparativo realizado por Jean-Hugues Déchaux, uma síntese finamente tecida entre as possibilidades de “aproximação e envolvimento” dos referenciais dos autores, no que tange a questão da historicidade para ambos os sociólogos.

ambos reconhecem a noção de habitus, mas não lhe atribuem o mesmo lugar na análise. Bourdieu desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias, cujo objeto é claramente histórico, genético; o habitus, por ser “estrutura estruturante e estruturada” para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias trabalha uma teoria da civilização; uma vez estabelecido e descrito o processo, a pergunta que se coloca é:

---

<sup>3</sup> MALERBA, J. *Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana*, op. cit., p. 14-15.

<sup>4</sup> MICELI, S. *Sociologia*, op. cit., p. 11.

<sup>5</sup> CHARTIER, R. Formação social e “habitus”: uma leitura de Norbert Elias. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 91-119.

porque os habitus evoluem e se transformam? A orientação da sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do habitus humano. Para Bourdieu, ao contrário, não se trata de explicar o habitus. Mais precisamente, seu objetivo é, uma vez identificado, explicar a imutabilidade das estruturas sociais, e mais ainda a lógica, o “senso prático” das ações que concernem a tal imutabilidade; assim os dois autores se referem a quadros de análise próximos, mas para fins opostos: Bourdieu privilegia as estruturas sociais, dando ênfase ao campo e marginalizando as contingências históricas. Ao contrário, Elias se interessa pela gênese do habitus e as razões de sua evolução.<sup>6</sup>

Considerando estas abordagens, até certo ponto avaliativas do corpus conceitual dos autores, procuramos localizar onde poderia ser encontrado uma referência de análise nodular para o estudo das relações sociais, e a mesma evidenciou-se, primariamente, na interpretação das interdependências estabelecidas em situações de jogo. Estas, tiveram um crivo teórico no modelo elisiano. Em alguns momentos de sua reflexão, Bourdieu recorre ao exemplo dos jogos e a ação dos jogadores para evidenciar a incursão de seus preceitos analíticos. Neste sentido, procuramos arquitetar uma leitura esportiva fundamentada na pretensa viabilidade e aproximação dos constructos da teoria do jogo de Norbert Elias e da análise do campo esportivo de Pierre Bourdieu.

A imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais. [...] Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. Quem quiser ganhar nesse jogo, apropriar-se do que está em jogo, apanhar a bola, ou seja, por exemplo, um bom partido e as vantagens a ele associadas, deve ter o sentido do jogo. [...] Para construir um modelo do jogo que não seja nem o simples registro das normas explícitas, nem o enunciado das regularidades, mas que integre umas e outras, é preciso

---

<sup>6</sup> DÉCHAUX, J.H. N. Elias et P. Bourdieu: analyse conceptuelle comparée. Apud MALERBA, J. *Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana*, op. cit., p. 16.

refletir sobre os modos de existência diferentes dos princípios de regulação e regularidade das práticas: há, naturalmente, o habitus, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras; e, nas sociedades onde o trabalho de codificação não é muito avançado, o habitus é o princípio da maior parte das práticas.<sup>7</sup>

As considerações sobre as proximidades e distinções dos conceitos de representação, habitus e campos nos referidos autores são substanciais e, em certo sentido, indispensáveis. Entretanto, a identificação do modelo de análise configuracional a partir das regras do jogo de competição, pode vir a ter um valor seminal no processo de conhecimento e compreensão do atual estado performático e mercantilizado da sociedade. Empenhados nesta possibilidade, buscamos um aprofundamento nos estudos de Norbert Elias.

Adentrando no universo da Sociologia figuracional de Elias, encontramos a categorização que trata da análise da sociedade, sua constituição e as relações existentes na sua configuração. Este material foi desenvolvido em “What is Sociology?”, publicado pela primeira vez em 1970 e traduzido para o português como “Introdução à Sociologia”. Sendo uma obra que respeita uma certa defasagem cronológica em relação aos primeiros escritos de Elias, a mesma justifica-se quando deparamos com a seguinte afirmação: “toda a teoria tardia se desenvolve simultaneamente como continuação de teorias anteriores e como ponto de partida crítico decorrente destas.”<sup>8</sup> Essa argumentação foi integrada aos postulados de Elias no momento que o mesmo recebeu críticas ao descrever uma teoria sociológica algumas décadas depois da elaboração de textos notórios e reconhecidos sobre “o processo civilizador”.

Elias aborda de maneira crítica e vigorosa, aspectos de História política, Psicologia e Sociologia, repensando temas fundamentais como o indivíduo e o grupo. Versa, essencialmente, sobre os padrões mutáveis de interdependência relativo às relações de poder entre os homens em sociedade. No entendimento de sua abordagem, alguns pressupostos são colocados para uma reflexão crítica. O primeiro deles é o modo de alguns estudiosos tratarem a sociedade como objeto de estudo da Sociologia, não

---

<sup>7</sup> BOURDIEU, P. Da Regra às Estratégias. In: \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 83-84.

<sup>8</sup> ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 11.

tendo, contudo, a sensibilidade de perceber que os problemas e a sociedade são formados por nós e pelos outros. Daí decorre o equívoco de visualizar o objeto distanciado do pesquisador, ou seja, o que está sendo estudado não faz parte da realidade de quem o estuda.

Tal constatação demonstra um modelo básico construído no senso comum, reportando-se à uma visão egocêntrica da sociedade, pela qual a mesma é transformada em uma estrutura hierarquizada pela reificação das relações sociais existentes de forma exterior ao ego individual. Observamos que para estudarmos o processo social à longo prazo na evolução do pensamento e do conhecimento, é necessário “a substituição da pessoa individual, enquanto sujeito do conhecimento, pela sociedade.”<sup>9</sup>

Assim sendo, Elias demonstra que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação da compreensão do termo sociedade. Temos que diluir a idéia de que a mesma é composta por estruturas que nos são exteriores – na qual os indivíduos estão “rodeados” –, e avançarmos para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que no limite, nos encaminha para uma visão mais realista das disposições e inclinações das pessoas em suas variadas maneiras de relação.<sup>10</sup>

Na apropriação desta nova interpretação da sociedade é preciso percebermos que as relações, ou melhor, que as teias de interdependências ou configurações são orientadas por forças sociais tidas como forças compulsivas e, como tais, são de fato exercidas pelas, sobre e entre as pessoas.

O que interessa para Elias é a maneira pela qual pode-se obter caminhos e esclarecimentos através dos estudos sociológicos, para se encontrar significado nessas forças compulsivas de modo que elas se tornem menos destruidoras de vidas e recursos. Aqui inscreve-se o primeiro ponto de convergência com os objetivos das análises sociológicas de Bourdieu.

Aliado a esse objetivo, encontramos não só a necessidade da interpretação e significação dessas forças compulsivas que atuam sobre as pessoas nos grupos de

---

<sup>9</sup> ELIAS, op. cit., p. 40.

<sup>10</sup> Sobre as transições ocorridas nas ciências sociais, conferir o livro que discute o relatório da comissão WALLERSTEIN, G; et al. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.

observação empírica da sociedade, mas também, como podemos libertar o discurso e o pensamento sociológico relativos à compulsividade dos modelos heterônomos, remanescentes do egocentrismo ingênuo ou antropomorfismo primário.

Pela transição do conceito de sociedade, podemos focar a concepção filosófica de um conhecimento científico estático, na qual encontramos uma inadequação dos modelos explicativos das ciências naturais, tentando subordinar a interpretação e a explicação de processos sociais de longa duração através de uma “cientificação” do pensamento. Diante desse modelo, os acontecimentos da natureza passavam a ser quantificados e explicados por teorias e leis que tornavam-no superadores da outrora definição religiosa e até mesmo mística ou ritualística. Esse era o combate das ciências naturais, desmistificar o mágico, o religioso e o metafísico. Para tanto, o tratamento do conhecimento de forma a considerá-lo estático foi fundamental para as ciências naturais, não podendo, entretanto, ser considerado de mesma eficácia na explicação dos fenômenos sociais de longa duração, os quais nitidamente não são estáticos.

Investigando os constructos de Elias, encontramos conceitos gerais para o campo das relações humanas - que o mesmo identifica como sociedade - como concepções que no primeiro momento apresentam-se respaldadas em acontecimentos com certos graus de interdependência. No sentido que a construção conceitual e a inovação da interpretação dos fenômenos sociais são posturas a serem tomadas na emergência de um modelo sociológico - diferenciado das análises estáticas das ciências naturais -, Elias detêm-se no argumento que as transições sociais consolidam-se com o desenvolvimento de várias gerações, por isso a pertinência do conceito de longo prazo associado ao pensamento de muitas pessoas interdependentes no interior de uma sociedade.

O conceito de auto-controle é um dos componentes necessários para a transição social e para o “estádio” de autoconsciência e conhecimento do pensamento sociológico da realidade, haja visto que o desenvolvimento dos conflitos sociais e as tentativas de resoluções pragmáticas, dadas em momentos de crise, por vezes não são suficientemente delimitadas dentro de um processo de efetiva racionalização.

Basicamente o ponto de partida de Elias foi mostrar como e porquê a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração, pela qual sua organização, estrutura e processos, não são explicados pelo reducionismo dos modelos de investigação das ciências naturais.

Torna-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros, de modo a formarem uma unidade. O estudo da configuração das partes unitárias ou, por outras palavras, a estrutura da unidade compósita, torna-se um estudo de direito próprio. Esta é a razão pela qual a sociologia não se pode reduzir à psicologia, à biologia ou à física: o seu campo de estudo – as configurações de seres humanos interdependentes – não se pode explicar se estudarmos os seres humanos isolados.<sup>11</sup>

Para atuarmos com problemas dessa magnitude, segundo Elias, é importante a efetivação de um tipo de cientista especializado em processos sociais de longo curso.<sup>12</sup> O responsável por responder as questões iniciais estipuladas pelo autor deve ser uma espécie de destruidor de mitos e superador das idéias religiosas, especulações metafísicas e teorias quantificáveis. Com ele romper-se-ia o absolutismo filosófico e o relativismo sociológico.

Elias destaca que uma das características desse processo de transição na produção de conhecimento, é a necessidade do instrumental conceitual utilizado passar gradativamente do conceito de ação para o conceito de função. O autor alerta que o conceito de função não deve ser interpretado como uma expressão de desempenho de uma ação unitária - que omite reciprocidade, bipolaridade e multipolaridade -, mas sim, como um termo que deve ser compreendido de forma relacional, principalmente com o poder. Assim é possível discutirmos funções sociais, quando nos referimos às interdependências que constroem as pessoas com maior ou menor grau de intensidade.

---

<sup>11</sup> ELIAS, op.cit. p. 78-79.

<sup>12</sup> Stephen Mennel, em conferência realizada no *IV Simpósio Internacional do Processo Civilizador: Corporeidade*, 08 e 09 de Novembro/1999 – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, destacou que o conceito de longa duração se traduz pelo conjunto de fatos históricos que compõem um processo de transição e transformação social, não restringindo-se meramente à uma representação cronológica, ou seja, é a natureza do processo que define a longa duração.



Com a industrialização ocorrida nos séculos XIX e XX, as lutas sociais em torno de princípios impessoais e de certas crenças sociais como religião, comunismo e capitalismo, entre outras, auxiliou a organização das pessoas e suas vidas em sociedade. Fruto deste desenvolvimento e transformações na sociedade, logo manifestou-se uma alteração do equilíbrio interno de poder. Esse sintoma foi percebido em determinadas relações com a redução das diferenças de poder entre os diferentes estratos sociais. O aparecimento das organizações de massas de caráter partidário, neste período, foi uma forma apresentada desta distribuição de poder.<sup>13</sup> Diante desta constatação, ELIAS afirma que

só por estes factos se vê bem como um aumento de interdependência acarreta uma transformação do pensamento sobre a sociedade e a formação de programas relativamente impessoais para a melhoria das condições sociais, também conduz, conseqüentemente, à percepção das sociedades como relações funcionais de pessoas interdependentes.<sup>14</sup>

Paralelo à oscilação de poder potencial, ocorre uma transformação das relações sociais no sentido de um maior grau de dependência multipolar recíproca, ou seja, os indivíduos ou grupos de uma sociedade tornam-se cada vez mais funcionalmente dependentes de um número crescente de pessoas. Essas cadeias de interdependências aumentam e diferenciam-se, tornando-as de limitada transparência e controle por parte de individualidades ou grupos isolados. Pierre Bourdieu – idealizando a aproximação conceitual - tece considerações sobre a existência dessa rede de relações ou ligações que se estabelece no desenvolvimento dos campos sociais, da seguinte forma:

[...] a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que

---

<sup>13</sup> Estudos mais apurados sobre o conceito de multidão e massas podem ser encontrados em COHN, G. *Adorno*. São Paulo: Ática, 1986; ORTIZ, R. *Um outro território*. São Paulo: Olho d'água, 1996; e LIMA, L. C. (org.). *Teoria da cultura de massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

<sup>14</sup> ELIAS, op. cit., p. 71.

implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). E isso graças à alquimia da troca (de palavras, de presentes, de mulheres, etc.) como comunicação que supõe e produz o conhecimento e o reconhecimento mútuos.<sup>15</sup>

O termo poder para Elias, vem travestido invariavelmente de um caráter representativo de desigualdade no processo de desenvolvimento das sociedades humanas. O equilíbrio do poder constitui-se em elemento integral de todas as relações humanas, e como tal, apresenta-se de maneira bipolar ou, usualmente, multipolar. Dito de outra forma, a tendência ao equilíbrio de poder está sempre em jogo e presente onde estiver havendo uma interdependência funcional entre pessoas.

Resquício do ideário mágico-mítico é a percepção de que poder é algo que possa ser detido de forma pessoal, individualizada. Ele é, como destacado anteriormente, uma característica estrutural das relações humanas, o que a princípio, torna o modelo do jogo e da competição uma pertinente e compatível alegoria explicativa da sociedade.

Recuperando o objetivo que propôs Norbert Elias, encontramos o modelo de análise que toma a competição realizada segundo as regras de um jogo, como processo interpretativo e explicativo das interdependências funcionais na sociedade.

Os modelos de jogo ajudam a mostrar como os problemas sociológicos se tornam mais claros e como é mais fácil lidar com eles se os reorganizarmos em termos de equilíbrio, mais que em termos reificantes.<sup>16</sup>

O primeiro modelo de competição identificada na análise de Elias é chamado de “primária e sem regras”. Ele representa uma situação básica, a qual encontramos sempre que os indivíduos relacionam-se uns com os outros. É um elemento constitutivo normal de todas as relações humanas e, invariavelmente, associa-se à provas de mensuração de forças, fato que nas sociedades primitivas condicionava os confrontos à sobrevivência.

Neste caso um antagonismo relativamente estável apresenta-se na estrutura de uma interdependência funcional. As ações dependem das respectivas iniciativas e os oponentes consolidam uma função recíproca baseada na coerção. Desmistificando,

---

<sup>15</sup> BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 68.

<sup>16</sup> ELIAS, op. cit., p. 81.

podemos dizer que a interdependência desses grupos, no que refere-se a hostilidade, não é menor que a existente entre grupos de amigos unidos pela divisão do trabalho.

O desencadeador de tensões e conflitos manifestados tanto nas sociedades tribais quanto nas sociedades modernas, prende-se à condição do potencial de retenção recíproca de necessidades ser geralmente desigual, indicando um poder coercivo maior de um determinado lado das relações. Neste caso, mudanças podem perspectivar formas violentas na distribuição do poder, sendo permitida sua expressão latente durante longos períodos.

Os inimigos desempenham uma função recíproca, pois uma vez que se tornam interdependentes têm o poder de possuir reciprocamente necessidades elementares, como por exemplo a de conservação da sua integridade física e social e, em última instância, a da sua sobrevivência.[...] A Competição Primária apresenta-se como um caso de fronteira. Nela, um dos lados tem como fim privar o outro, não só das suas funções sociais com também da sua própria vida.<sup>17</sup>

Segundo Elias, os modelos sociológicos devem analisar as interpenetrações contínuas como representações de pessoas que estão ligadas umas as outras no tempo e no espaço e, essa sequência de movimentos, é compreendida e explicada em termos da dinâmica imanente na sua interdependência. Este seria o segundo ponto possível de possível convergência com a análise dos campos de Bourdieu.

O próximo modelo de jogo é o “processo de interpenetração com normas” e suas sub-divisões, o qual demonstra como as teias de relações humanas mudam conforme a distribuição do poder. A primeira abordagem trata dos “jogos entre duas pessoas”. O fator determinante neste tipo de configuração mutável é a proporção de poder existente entre os componentes. Esse poder qualifica o controle exercido por determinado jogador e também como decorre o curso do jogo.

Outra forma de jogo é a composta de “muitas pessoas a um só nível”. Trata de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pode realizar simultaneamente. A ordem estabelecida na configuração é dada na perspectiva de que a

---

<sup>17</sup> Id. *ibid.*, p. 85-86.

ação de cada participante não é considerada como exclusiva de sua parte. Antes, deverá ser visualizada como a continuação do processo de interpenetração da ação realizada anteriormente, a qual subsidia-lhe a ação futura.

Seguindo, temos os “jogos multipessoais a vários níveis”. É uma configuração que se estabelece entre jogadores interdependentes e as estruturas para cada uma das jogadas individuais. Existe um limite para a expansão da teia de interdependência, pela qual o jogador pode orientar adequadamente seu planejamento e estratégia para uma série de jogadas. Com o acréscimo de jogadores na configuração, torna-se cada vez mais improvável a execução de jogadas adequadas e pensadas a partir da sua posição individual estabelecida dentro da totalidade. Desta maneira o desenvolver das interdependências funcionais demonstrará a impossibilidade de compreensão e controle do jogo.

O subsequente é o “jogo de dois níveis do tipo oligárquico”. Este pode decorrer da pressão exercida por conta do aumento no número de jogadores individuais dentro da configuração. A desintegração pode formar dois níveis de jogadores que se mantêm interdependentes, mas já não atuam diretamente uns contra os outros. Somente no nível secundário é que se estabelece diretamente o confronto com os outros. Tal configuração de jogo e jogadores, exprime um grau de complexidade que inviabiliza o indivíduo de orientar sua decisão por conta da superioridade ou da manifestação dos seus anseios e interesses. As ações são concretizadas tanto para fora como para dentro da teia de interdependência. Percebemos aqui a formação das alianças, rivalidades e cooperação nos diferentes níveis de interpenetração.

Neste nível de jogo, Elias destaca que o equilíbrio do poder pendendo para o nível mais elevado - mesmo sendo um número mais reduzido de jogadores do que do nível mais baixo - é muito desproporcional, rígido e estável. Entretanto, a interdependência dos dois níveis na configuração, impõe limitações aos seus componentes.

Finalmente, temos o “jogo a dois níveis do tipo democrático crescentemente simplificado”. O modelo é evidenciado pela aproximação dos jogadores das camadas mais baixas em detrimento do crescimento da sua força potencial. Esse traço pode ser

detectado a partir da vigilância e da rede de precaução tecida pelo nível mais elevado na busca da manutenção do controle.

Enquanto as diferenças de poder forem grandes, parecerá às pessoas de nível superior que todo o jogo e, particularmente, os jogadores de nível inferior estão lá para os beneficiarem. À medida que o equilíbrio de poder se altera, muda este estado de coisas. Cada vez mais parece a todos os participantes que os jogadores de nível mais alto estão no jogo para benefício dos jogadores de nível mais baixo. Os primeiros tornam-se gradualmente, de uma forma mais aberta e precisa, funcionários, porta-vozes ou representantes de um ou outro grupo de nível mais baixo.<sup>18</sup>

Nesta forma de jogar, cada indivíduo apresenta-se mais limitado e constrangido pelo número de jogos - simultaneamente interdependentes - que se vê obrigado a realizar com um grupo de jogadores que estão cada vez menos inferiores socialmente. Os grupos de jogadores de ambos os níveis tendem a reunir-se e organizar-se, de modo que a configuração permita ao indivíduo manter um certo equilíbrio entre grupos interdependentes e rivais. O decurso do jogo pelas ações individuais se enfraquece e o entendimento dessa incapacidade de controlá-lo, deriva da dependência mútua das posições que os jogadores ocupam e das tensões e conflitos inerentes da teia que os entrelaçam.

A guisa de conclusão, destacamos que a elaboração do modelo de análise sociológica de Elias partiu da tarefa de identificar formas de construção da autonomia de uma ciência e, desbloquear ou transparecer os níveis de poder (característica estrutural de uma relação – conceito não estático e sim processual) existentes nas interpenetrações mutáveis das teias de interdependências. O modelo oferece uma proposta e ajuda à interpretar a sociedade através da interdependência de pessoas enquanto participantes de um jogo específico. As forças coercivas são postas à prova, superando, em última instância, o reducionismo pretérito das metodologias unilineares pautadas na relação causa-efeito. Sobre a pretensão inicial do artigo em aproximar as

---

<sup>18</sup> Id. *ibid.*, p. 97.

propostas analíticas de Bourdieu e Elias, percebemos viabilidade - não obstante considerarmos os diferentes focos de intervenção e metodologias - ao constatar que os conceitos, os objetivos e os caminhos para evidenciar as desigualdades, as leis de reprodução e os desequilíbrios sociais são similares e comuns aos autores. No que diz respeito à incursão dos modelos sociológicos dos autores nas diversas frentes de estudos, dado a limitação de um artigo, estamos reservando a tarefa para futuros trabalhos.

### **Abstract**

To analyze the book *What's Sociology* of Norbert Elias and to search in his game theory a theoretical referencial for the understanding of the existents relationships in the society it was the main objective of this work. Parallel, we tried to make possible an approach of the representation, habitus and fields concepts of Pierre Bourdieu in the architecture of Elias.

### **Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, P. Da regra às estratégias. In: \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 83-84.

\_\_\_\_\_. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 48.

\_\_\_\_\_. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 68

CHARTIER, R. Formação social e “habitus”: uma leitura de Norbert Elias. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 91-119.

COHN, G. *Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 11.

GEBARA, A. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: novas abordagens, novos temas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Coletânea ...* Rio de Janeiro: UGF, 1998. p. 75-81

LIMA, L. C. (Org.). *Teoria da cultura de massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MALERBA, J. Entre la sociología y la historia: pensar la sociología figurativa en el contexto de la América portuguesa. *Revista Mexicana de Sociología*. v. 61, n. 2, p. 77-105, abr-jun. 1999.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana*. (no prelo).

MICELI, S. Sociologia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 abr.1997. Mais, Caderno 5, p. 11

ORTIZ, R. *Um outro território*. São Paulo: Olho d'água, 1996.

MENNEL, S. Stephen Mennel. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROCESSO CIVILIZADOR: CORPOREIDADE, 4., 1999, Campinas. *Anais ...* Campinas: Faculdade de Educação Física, 1999.

WALLERSTEIN, G. et al. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.